

Luís Alves  
Costa  
(SDG)



“O Global Management Challenge, na primeira edição contou com 120 equipas e 500 participantes. Passados 40 anos estamos em 37 países, somando mais de 162.500 equipas e o jogo já envolveu mais de 650 mil participantes em todo o mundo” P4

Luís Mira  
Amaral  
(ISB)



“Esta é uma experiência interessante para aqueles que se estão a iniciar na arte da gestão, já que permite simular digitalmente o comportamento das diversas áreas de uma empresa” P4



Este caderno faz parte integrante do Expresso nº 2437 de 13 de julho de 2019, não podendo ser vendido separadamente

As equipas que ocuparam os três primeiros lugares ostentam a bandeira dos seus países



# Rússia vence final internacional do Global Management Challenge 2018

**Portugal** ficou em **segundo lugar** e a **Costa do Marfim** em **terceiro**, num evento mundial que contou com a participação de **19 países** oriundos da Europa, África, América e Ásia

A cidade de Ecatimburgo, na Rússia, acolheu nos dias 4, 5 e 6 deste mês, a final internacional da edição de 2018 do Global Management Challenge. Um evento que contou com a participação de 19 países, oriundos dos continentes europeu, africano, asiático e americano e que teve como vencedora a Rússia que participou com uma equipa de quadros. Para os cinco jovens russos, este foi um momento especial, já que venceram em casa.

Portugal subiu também ao pódio, tendo alcançado a segunda posição. A equipa nacional, formada por três jovens quadros da Caixa Geral de Depósitos, conseguiu a melhor classificação das últimas duas décadas, já que Portugal não vence internacionalmente este evento desde a edição de 1998 e conseguiu um segundo lugar na edição de 1999.

O continente africano teve também um dos seus melhores resultados, com o terceiro lugar ocupado pela Costa do

Marfim. Contrariamente ao que tem acontecido nos últimos anos, as equipas asiáticas, nomeadamente de Macau, Hong Kong e China, não atingiram as três primeiras posições.

O embaixador português na Federação Russa, Paulo Vizeu Pinheiro, não teve oportunidade de acompanhar a final internacional em Ecatimburgo, mas recebeu a comitiva portuguesa na embaixada em Moscovo. Na sua opinião esta iniciativa, organizada por uma

equipa nacional, dá visibilidade ao nosso país. Lembrou ainda que Portugal e a Rússia celebram 240 anos de relações diplomáticas.

Depois da Rússia e em maio do próximo ano será a vez de Lisboa acolher a final internacional da edição de 2019. Será também o culminar das comemorações dos 40 anos desta competição que por esta ocasião se renova, tanto no seu simulador como na forma como se apresenta em Portugal e no mundo.



A equipa da Polónia ficou em sétimo lugar. O Brasil não se conseguiu qualificar para a finalíssima e Hong Kong atingiu a sexta posição

COMPETIÇÃO



A foto de grupo mostra a dimensão que o Global Management Challenge já alcançou. Durante a final internacional na cidade de Ecatimburgo e para além dos momentos de competição e de convívio entre a organização, convidados e participantes, houve ainda tempo para assistir ao folclore local



A equipa do Quirguistão a trabalhar durante o dia da semifinal

## Quirguistão e Bielorrússia estreiam-se na competição

Os dois países estiveram pela primeira vez a participar numa final internacional desta iniciativa de gestão

O Quirguistão e a Bielorrússia participaram pela primeira vez numa final internacional do Global Management Challenge fizeram-se representar por equipas de quadros. Para os elementos destas formações este tipo de iniciativa representa uma oportunidade de aprendizagem ao nível da gestão e de desenvolvimento do trabalho em grupo.

“Por estarmos a competir pela primeira vez, sentimos uma responsabilidade de obter um bom resultado”, revelou Ruslav Gaidarov, do Quirguistão. Formada por quadros da área de marketing, vendas e desenvolvimento, os elementos desta equipa consideram que a partir de agora e tendo em conta que nunca tinham trabalhado juntos vão fazê-lo melhor e isso será benéfico para a companhia onde trabalham. “Vamos ser a melhor equipa da empresa”, salientou Olga Shishenina.

Também o trabalho conjunto foi salientado por Olga Zadalya, da equipa da Bielorrússia. Acrescentou que a final internacional estava a ser mais competitiva do que aquela que tinha acontecido no seu país, mas estavam a lutar por um bom resultado. Na opinião dela esta foi uma boa experiência para “obter mais conhecimentos na área financeira e de marketing”. Tanto a equipa do Quirguistão como a da Bielorrússia não foram além da semifinal.

No Quirguistão, Bielorrússia, Arménia e Cazaquistão, o Global Management Challenge é organizado pela Ranepa — The Russian Presidential Academy of National Economy and Public Administration, que é também a responsável na Rússia. Vyacheslav Shoptenko, da Ranepa revela: “Durante muitos anos quisemos estender a competição para territórios que integram a União Económica Euro-asiática.” Um desejo que se conseguiu concretizar este ano, sendo que dois destes países integraram a final internacional que se realizou em Ecatimburgo. Conta ainda que a ideia é, tal como na Rússia, desenvolver a competição em duas

ligas, uma profissional e outra de estudantes. Na primeira serão escolhidas as equipas para representar os países na final internacional. Quanto à liga de estudantes, estes irão integrar uma final interna dos cinco países da União Euro-asiática.

Para o organizador da competição estes países apresentam-se como mercados promissores para uma iniciativa como esta que desenvolve competências de gestão. Na Rússia em média participam entre 1500 a 2000 equipas por ano. Embora não tenha, para já, ambições tão elevadas, Vyacheslav Shoptenko considera que “o país mais promissor é o Quirguistão, é o mais desenvolvido economicamente, tem mais empresas e, por isso, mais potencial”.

A escolha de Ecatimburgo para acolher a final internacional deveu-se, segundo Vyacheslav Shoptenko, à vontade de mostrar locais do país menos conhecidos no estrangeiro. Acrescenta ainda que a Rússia é “uma terra de oportunidades, queremos mostrar isso ao mundo e estamos abertos a quem queria desenvolver aqui negócios e projetos”.



# A sexta vitória de uma equipa russa

A cidade de Ecatimburgo, na Rússia, acolheu a final internacional do Global Management Challenge 2018. A vitória recaiu na equipa da casa, mas Portugal também se destacou, tendo obtido um lugar no pódio

Textos MARIBELA FREITAS

A equipa da Rússia foi a grande vencedora da final internacional do Global Management Challenge 2018 que se realizou nos dias 4, 5 e 6 deste mês, em Ecatimburgo. Foi uma vitória em casa que deixou para trás, em segundo lugar, a equipa lusa e em terceiro a Costa do Marfim. “Foi um processo muito competitivo, mas queríamos muito ganhar”, explicou Mars Karamov, da equipa vencedora, sem esconder o contentamento de ser anfitrião do evento e de ter ultrapassado mais 18 países, para atingir o título de campeão. Quanto à estratégia utilizada, explicou: “Tentámos ganhar o máximo de dinheiro possível e pagámos dividendos aos acionistas.” Manteve assim bem guardado o segredo do sucesso alcançado. Sucesso esse que levou a melhor à equipa portuguesa, formada por três jovens quadros da Caixa Geral de Depósitos e que alcançou o segundo lugar, o melhor resultado dos últimos anos, pois, há cerca de 20 anos que uma equipa nacional não obtém uma classificação tão boa. A última vitória portuguesa ocorreu em 1999, referente à final da edição de 1998 e na edição de 1999,

realizada em 2000 o país conseguiu o segundo lugar.

“Queríamos chegar o mais longe possível e conquistar um lugar no pódio. Conseguimos o segundo lugar, a Rússia foi uma adversária de peso e esta é a sua sexta vitória internacional”, referiu Susana Girão, líder da equipa portuguesa. Para o seu colega de equipa, Ricardo Costa, esta classificação foi “o prémio do nosso esforço e dedicação ao longo destes dias”. José Campos, o terceiro membro da equipa nacional lembrou que “foi um ano cheio de trabalho e conseguimos este feito e estamos muito felizes pelo resultado obtido”.

Segundo Susana Girão a estratégia

portuguesa assentou “numa baixa de preços para tentar vender o máximo possível, fazendo com que a concorrência ficasse com muito stock. Quisemos siderar a concorrência”. O resultado esteve à vista, mas não foi, no entanto, suficiente para vencer os russos que competem desde 2006 e vão já na sexta vitória mundial. Mas Portugal continua a líder o ranking das vitórias internacionais, com o total de oito.

### Costa do Marfim no pódio

A noite de entrega de prémios teve ainda mais uma surpresa, o terceiro lugar da equipa da Costa do Marfim, formada por quadros. Kobena Yao Abissa Judicial, membro desta equipa, afirmou durante o dia da finalíssima que a China e a Rússia eram as equipas com maiores probabilidades de vencer, mas que iam dar o seu melhor perante a concorrência. O seu prognóstico não estava de todo errado.

## DURANTE A COMPETIÇÃO OS PARTICIPANTES TRABALHAM EM EQUIPA E TOMAM DECISÕES EM ÁREAS COMO A PRODUÇÃO E MARKETING

As finais internacionais do Global Management Challenge remetem sempre à edição do ano anterior e nesta, referente a 2018, estiveram a competir 19 países, oriundos do continente americano, africano, europeu e asiático. Nem todos os países onde a competição se desenrola acabam por estar presentes nas finais internacionais. Em Ecatimburgo e no dia 4 de julho,

as equipas em prova foram divididas aleatoriamente em quatro grupos. A Bielorrússia, China, Kuwait, Quirguistão e Portugal integraram o grupo azul. Estónia, Grécia, Macau e Eslováquia formaram o amarelo. O grupo verde contou com o Brasil, Hong Kong, Índia, Costa do Marfim e México. A República Checa, Panamá, Polónia, Espanha e Rússia faziam parte do grupo vermelho. Estas equipas competiram entre si nos grupos, na semifinal que se realizou no dia 5 de julho. Como é habitual tiveram um dia para tomar cinco decisões sobre o destino das suas empresas. As duas equipas de cada grupo que no final do dia da semifinal obtiveram o melhor valor de desempenho da empresa que tinham para gerir, transitaram para o dia seguinte, 6 de julho, o dia da finalíssima. Competiram nesse dia a China, Portugal, Eslováquia, Macau, Hong Kong, Costa do Marfim, Polónia e Rússia. Tiveram de tomar novamente cinco decisões de gestão.

Destas oito equipas que estiveram na finalíssima, Macau, que venceu a edição de 2016 e soma duas vitórias internacionais, ficou desta vez pela quarta posição. “Sentimos a pressão para ganhar, pois no ano passado ficamos em segundo lugar”, referiu Wu Zilin, membro da equipa macaense formada por estudantes e quadros, durante o dia de competição. Na sua opinião e neste tipo de iniciativas

desenvolve-se o trabalho em equipa, tão importante para o bom funcionamento das empresas.

Na quinta posição ficou a China que ao todo já venceu cinco finais internacionais, mas nos últimos anos tem estado afastada do pódio. O país fez-se representar por uma equipa de estudantes de contabilidade. Para os elementos desta formação o Global Management Challenge ensina a gerir.

### Hong Kong na sexta posição

Em sexto lugar ficou Hong Kong, com uma equipa que durante a prova considerava que Macau seria a equipa ven-

## A CHINA, QUE JÁ VENCEU CINCO FINAIS, E MACAU (DUAS VITÓRIAS) FICARAM EM QUARTO E EM QUINTO LUGAR, RESPECTIVAMENTE

cedora. A Polónia atingiu a sétima posição. Justyna Najda, da equipa polaca, considerou um privilégio representar o seu país neste evento. Defendeu que a Rússia ou Macau iriam vencer. Na sua opinião e no Global Management Challenge “aprende-se mais sobre finanças, balanços, produção, entre outras matérias. Ao analisarmos o funcionamento das várias áreas, percebemos melhor como funciona a empresa e os seus procedimentos”. O oitavo lugar foi preenchido pela Eslováquia. Bruno Grinc, da equipa explicou que eram estudantes, oriundos de uma pequena cidade e que a competição não estava a ser fácil, uma vez que concorriam com equipas muito fortes.

Paulo Vizeu Pinheiro, embaixador português na Federação Russa, não teve oportunidade de acompanhar a final internacional em Ecatimburgo, mas recebeu parte da comitiva portuguesa na embaixada, em Moscovo. Acredita que iniciativas como o Global Management Challenge, organizadas por uma pequena empresa e pelo Expresso dão visibilidade a Portugal na área dos modelos de negócio e da gestão e da inovação pela via tecnológica. “Celebramos os 240 anos das relações diplomáticas entre Portugal e a Rússia e é também uma boa ocasião que esta grande final tenha lugar na Rússia”, finalizou.

mfreitas.externo@imprensa.pt

## Lisboa acolhe em 2020 evento mundial

A capital portuguesa será a anfitriã da edição de 2020 deste desafio de gestão que está espalhado pelos cinco continentes

Em maio do próximo ano, nos dias 26, 27 e 28, Lisboa acolhe a final internacional do Global Management Challenge 2019. Será o culminar das comemorações dos 40 anos de vida desta competição portuguesa de estratégia e gestão.

João Matoso Henriques, CEO da SDG, entidade que em parceria com o Expresso organiza a prova, explica que a final mundial de 2019 não poderia ser noutro sítio que não Lisboa, já que nesta edição se comemora o quadragésimo aniversário da competição. Para assinalar esta data especial e segundo João Matoso Henriques estão na calha mais iniciativas. Uma delas tem que ver com a forma como os participantes interagem com o simulador que agora surge com novas funcionalidades, como por exemplo um acesso mais facilitado ao manual. Mudanças essas que estão a ser processadas em conjunto com a Accenture Portugal

e que vão ser visíveis durante os próximos meses.

Ainda para assinalar os 40 anos “estamos a preparar uma mudança de imagem e passará a ser diferente a forma como nos apresentamos, tanto em Portugal como no resto do mundo”, refere João Matoso Henriques. A título de exemplo, cada país vai ter um logótipo próprio, com a sua bandeira.

Atualmente o Global Management Challenge está espalhado por 37 países, incluindo Portugal e está representado nos cinco continentes. Canadá, Líbano, Austrália, Nova Zelândia e Arábia Saudita, foram algumas das mais recentes entradas para a rede de países que organiza esta competição e estão este ano a preparar a sua primeira edição. O que fará com que a final mundial de Lisboa venha a contar

Canadá, Líbano, Austrália e Arábia Saudita são alguns dos países que aderiram recentemente a esta iniciativa

com novos países. A Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão e Quirguistão são mais alguns dos novos países e nestes destinos o Global Management Challenge é organizado pela Ranepa, parceira na Rússia.

“Os países em desenvolvimento estão neste momento a olhar para o nosso programa de desenvolvimento de competências de uma forma mais agressiva do que outros países que confiam mais nas suas capacidades e consideram que não necessitam tanto de programas como este”, salienta João Matoso Henriques. Daí estas recentes adesões de países vizinhos da Rússia.

Para o CEO da SDG o crescimento internacional acarreta desafios, nomeadamente o de estar a par com o que se passa em todos estes destinos e em proporcionar-lhes a formação e o apoio devido ao seu crescimento sustentável. Mas a expansão geográfica sempre fez parte do ADN desta iniciativa portuguesa.

E num mundo em constante evolução tecnológica é ainda “necessário manter-nos relevantes”, finaliza João Matoso Henriques.

## PROTAGONISTAS

**Luís Alves Costa** Presidente da SDG, faz um balanço dos 40 anos da competição

# “Esta iniciativa superou as minhas expectativas”



Luís Alves Costa, fotografado no ISEG, local onde foi professor e onde a prova foi idealizada  
FOTO LUÍS BARRA

O Expresso noticiava em agosto de 1979 o lançamento no ano seguinte da primeira edição do na altura chamado Gestão Global. Num ano em que a competição completa 40 anos de vida, Luís Alves Costa, presidente da SDG e fundador desta iniciativa, confessa que para quem começou com 120 equipas e hoje está presente em 37 países, este desafio superou largamente as suas expectativas.

“Como se costuma dizer, os números falam por si. O Global Management Challenge, na primeira edição contou com 120 equipas e 500 participantes. Passados 40 anos estamos em 37 países, somando mais de 162.500 equipas, e o jogo já envolveu mais de 650 mil participantes em todo o mundo”, releve Luís Alves Costa. Acrescenta que “esta iniciativa superou qualquer expectativas que eu possa ter criado na altura”.

Quando teve contacto com esta metodologia nos anos 70 do século XX, já que o simu-

lador foi criado por dois professores escoceses da empresa Edit 515, reconheceu que tinha um grande potencial. Era então professor no ISEG e sentiu que os seus alunos poderiam dar um melhor parecer sobre o seu potencial se experimentassem o simulador.

“Na realidade tinha tudo para correr bem, mas também poderia correr mal, atendendo a que não existia no mercado empresarial experiência nesta área, o que também se tornava um risco grande. Uma vez que os meus alunos conferiram que era uma metodologia extremamente interessante, decidimos procurar um parceiro de prestígio, o jornal Expresso e o resultado da primeira edição foi um sucesso”, salienta o presidente da SDG.

Mas nem tudo são facilidades e como conta Luís Alves Costa, ao longo dos anos e em especial nos novos países, a maior dificuldade que encontra é a de que estes compreendam o verdadeiro impacto que esta

experiência pode ter para os participantes e todos os intervenientes. “Não é um metodologia de compreensão rápida, é algo que leva os participantes a sentirem a necessidade de repetir a experiência para compreenderem melhor todo o processo”, frisa. Também os obriga a muita reflexão no seio da sua equipa para alcançarem os objetivos propostos. Para isto exige que os participantes tenham um perfil específico apreciado atualmente pelas empresas, ou seja, serem resilientes, curiosos, proativos, com foco na solução e capacidade de resolução. Quanto à barreira da língua, foi resolvida com a tradução quer dos manuais do simulador quer das peças de comunicação. “Hoje temos o simulador traduzido em 18 línguas. Todas as dificuldades são oportunidades de fazermos melhor”, salienta o fundador da prova.

O Global Management Challenge utiliza um modelo de *franchising* nos vários países.

É escolhida uma empresa local que por sua vez identifica um media local que possa conferir prestígio à competição. “Todos os países seguem as nossas regras da simulação para que seja possível realizarmos uma final internacional em que todos estejam com os mesmos conhecimentos e possam interagir na mesma plataforma”, explica o fundador. Defende ainda que “este é um modelo internacional menos exigente em termos de recursos humanos e financeiros e com maior taxa de sucesso, atendendo a que as empresas locais conhecem melhor o mercado onde atuam. É um modelo mais simples e de fácil implementação. O que não é fácil é identificarmos um parceiro com prestígio que nos represente bem no seu país”.

A quem queira lançar um negócio Luís Alves Costa aconselha a terem capacidade de concretização em tudo o que se propõem, gostarem do que fazem e serem arrojados. “Ter um negócio é desafiante, mas

também muito gratificante”, intensifica.

De regresso da final internacional que decorreu em Eca-terimburgo, o presidente da SDG revela que foi um grande orgulho ver todo o envolvimento dos parceiros internacionais e das equipas participantes. “Saber como tudo começou e ver o resultado após 40 anos é algo que me deixa muito orgulhoso. Sempre acreditei no seu potencial, apesar de alguns momentos difíceis que vivemos em termos de contextos económicos e políticos a nível mundial”, explica.

O futuro está à porta e Luís Alves Costa ambiciona que “o simulador continue a acompanhar as tendências mundiais e que mais participantes possam melhorar as suas competências de gestão através desta competição. Queremos também chegar, ou regressar a países estratégicos como a Alemanha e os Estados Unidos da América e continuar a crescer quer na Ásia e Europa quer em África”.

**Luís Mira Amaral** Presidente do Júri Internacional do Global Management Challenge, fala da prova

# “O bom senso é essencial na gestão”

Luís Mira Amaral lidera o International Supervisory Board (ISB), o júri internacional que foi criado para dar maior credibilidade mundial ao Global Management Challenge já que garante que a regras são cumpridas. Presença assídua nas finais internacionais, para o responsável deste organismo esta competição é uma iniciativa de mérito, organizada por uma empresa portuguesa e que já ganhou mundo.

“É uma realização muito interessante de uma empresa portuguesa. É uma iniciativa de mérito extraordinário, já que anualmente um país como Portugal e uma empresa como a SDG, com o apoio do Expresso, consegue atrair um grande conjunto de países para a final internacional”, explica Luís Mira Amaral.

Há alguns anos que o ex-ministro lidera este organismo de que fazem ainda parte outros

elementos portugueses e de mais alguns países onde a prova se desenrola. Na sua opinião este “é um trabalho na sombra, pouco visível, mas fundamental, temos atuado como um árbitro de futebol e este é bom quando não se dá por ele”. O ISB em conjunto com a organização do Global Management Challenge têm apertado as

“

É um trabalho na sombra, pouco visível, mas fundamental, temos atuado como um árbitro de futebol e este é bom quando não se dá por ele

medidas de segurança na hora das equipas competirem, nomeadamente bloqueando o seu contacto com o exterior, para que todas estejam em igualdade de circunstâncias.

Antes de presidir ao ISB Luís Mira Amaral já tinha uma ligação à prova, tendo utilizado uma versão mais antiga do simulador nas suas aulas de introdução à gestão e produção industrial, no Instituto Superior Técnico. “Esta é uma experiência interessante para aqueles que se estão a iniciar na arte da gestão, já que permite simular digitalmente o comportamento das diversas áreas de uma empresa”, frisa. Luís Mira Amaral conta que os seus alunos começavam a testar o simulador sem terem a teoria toda e “na gestão às vezes não é preciso ter a teoria, é uma questão de bom senso, já que mesmo sem a teoria se consegue tomar boas decisões. A gestão é uma arte,



Luís Mira Amaral, é presença assídua nas finais internacionais deste desafio  
FOTO TIAGO MIRANDA

não uma ciência e o bom senso é essencial na gestão”.

Em jeito de balanço Luís Mira Amaral considera que quem passa por este desafio aprende que “não se pode tomar uma decisão, o mercado não reage bem e mostra que não existia uma estratégia credível. O simulador está em consonância com o que se passa na realidade e reage mal a essas mudanças”. Acrescenta ainda que na prova “os participantes se abusarem da força de trabalho podem enfrentar uma greve e verificam que as áreas funcionais de uma empresa interagem umas com as outras e não há comportamentos estanques”.

Luís Mira Amaral afirma ainda que nunca pensou que esta iniciativa viesse a ter uma longevidade tão longa e uma tão grande presença a nível internacional.